

MARX E BOURDIEU VS. A CIÊNCIA ECONÔMICA: a História como elemento determinante da análise social

MARX AND BOURDIEU VS. ECONOMIC SCIENCE: history
as a determinant element of social analysis

MARX Y BOURDIEU VS. LA CIENCIA ECONÓMICA: la
Historia como elemento determinante del análisis social

*Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo¹
Leila Samira Portela Moraes²*

Resumo: O mundo atual é marcado por uma narrativa de caráter econômico traduzida na hegemonia do mercado e nas políticas neoliberais que colonizaram o globo e instituíram a inevitabilidade da segregação econômica de grupos inteiros do banquete da globalização. O discurso único que hoje domina o ideário cultural e político se alicerça sobre dois pressupostos epistêmico-metodológicos. O primeiro é a noção de indivíduo privado que sustenta o conceito abstrato de *homo economicus* presente tanto entre os economistas políticos clássicos no caso de Marx, como também, no pensamento econômico neoclássico no caso de Bourdieu; o segundo se refere a natureza a-histórica das construções teóricas da ciência econômica o que a conduz a uma irresponsável universalização e naturalização de elementos absolutamente sócio-históricos. Marx e Bourdieu nos oferecem indispensável crítica a esses pressupostos.

Palavras-chave: Economia Política – Sociologia Econômica – Ideologia.

Abstract: The current world is marked by a narrative of economical character, translated into the hegemony of the market and in the neoliberal policies that colonized the globe and established the inevitability of the economic segregation of the global groups of the banquet of the globalization. The only speech that today dominates the cultural and political ideas is based on two epistemic-methodological presuppositions. The first one is the notion of private individual who supports the abstract concept of present *homo economicus* so much between the classic political economists in case of Marx, just as, in the economical thought neoclassical in case of Bourdieu; the second the nature refers to the historical one of the theoretical

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atua como docente do Instituto Federal de Alagoas. E-mail: sergio_gomes08@hotmail.com

² Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atua como docente do Centro de Educação de Jovens e Adultos Paulo Freire, em Maceió/AL. E-mail: samira_portela@hotmail.com

constructions of the economical science what drives it to an irresponsible universalization and naturalization of elements absolutely historical-partner. Marx and Bourdieu offers essential criticism of these presuppositions.

Keywords: Political economy – Economic Sociology – Ideology.

Resumen: El mundo actual está marcado por una narrativa de carácter económico traducida en la hegemonía del mercado y en las políticas neoliberales que colonizaron el globo e instituyeron la inevitabilidad de la segregación económica de grupos enteros del banquete de la globalización. El discurso único que hoy domina el ideario cultural y político se fundamenta sobre dos presupuestos epistémico-metodológicos. El primero es la noción de individuo privado que sostiene el concepto abstracto de *homo economicus* presente tanto entre los economistas políticos clásicos en el caso de Marx, como también, en el pensamiento económico neoclásico en el caso de Bourdieu; el segundo se refiere a la naturaleza a-histórica de las construcciones teóricas de la ciencia económica lo que la conduce a una irresponsable universalización y naturalización de elementos absolutamente sócio-históricos. Marx y Bourdieu nos ofrecen indispensable crítica a estos presupuestos.

Palabras Clave: Economía Política – Sociología Económica – Ideología.

*While economics is about how people make choice,
Sociology is about how they don't have
Any choice to make³.*

Bertrand Russell

Introdução

Em seu livro *Razões Práticas*, Pierre Bourdieu diz que a falácia escolástica (*scholastic fallacy*) "consiste em colocar o metadiscorso como princípio dos discursos, a metaprática como princípio das práticas" (2006, p. 204). Para ele, os cientistas econômicos incorrem na falácia escolástica na medida em que, como demonstra RAUD (2007, p. 204), consideram "como princípio das práticas dos agentes sociais suas próprias representações dessas práticas ou modelos teóricos elaborados para explicá-las".

Um dos resultados da opção teórica da ciência econômica é a naturalização de categorias históricas e a universalização de comportamentos que só podem ser devidamente apreendidos em sua construção sócio-histórica. Os economistas assim praticam o que o autor define como "*amnésia da gênese*" ao arrancar a economia do conjunto da vida social.

STEINER⁴ (2009) sublinha que em sua sociologia do conhecimento econômico e na esteira de uma tradição francesa de crítica a economia política, Bourdieu concentra sua crítica em dois elementos centrais da ciência econômica: 1 - o isolamento dos fatos

³ "Enquanto a economia é sobre como as pessoas fazem escolhas, Sociologia é sobre como eles não têm qualquer escolha para fazer".

⁴ Em um interessante ensaio publicado na Revista Política e Sociedade e intitulado *A tradição francesa de crítica sociológica à Economia Política*, o professor Philippe Steiner apresenta o que seria uma linhagem acadêmica francesa de crítica a economia, que considera desde Comte a economia uma falsa ciência, e da qual faz parte Bourdieu.

econômicos frente a outros fatos sociais; 2 – e a natureza do *homo economicus*, este ser anômalo que só existe na cabeça de seus criadores.

Além desses pontos ou em consequência dessa posição metodológica Bourdieu, como, bem salienta RAUD (2007), destaca a face ideológica do discurso econômico, pois "ele critica o deslizamento ideológico da ciência econômica, que está cada vez mais se tornando uma 'ciência de Estado'" (p. 206). Temos com isso, que, ao desenraizar o campo econômico do conjunto da vida social, os economistas tendem a uma construção abstrata do homem, marcadamente ideológica, inversamente, para os sociólogos econômicos, de acordo com SWEDBERG (2004, p.8) "o *homo economicus* não existe – existem apenas atores econômicos concretos que possuem uma determinada idade, uma determinada inserção, pertencem a um gênero e assim por diante".

A crítica à economia política é uma constante no pensamento social, desta forma, a escola Francesa, a qual Bourdieu está ligado não é a única tradição relevante pois, mais de um século antes de Bourdieu, Karl Marx empreendeu o que muitos consideram a mais consistente crítica da economia política burguesa já produzida.

No tocante a historicização das categorias econômicas em Marx e na historicização das disposições econômicas e do campo econômico em Bourdieu, existem pontos de convergência – a despeito de qualquer compromisso teórico – pois os dois autores criticam o caráter antigenético e a-histórico da economia clássica (Marx) e neoclássica (Bourdieu). Ao lado da crítica histórica, os dois ícones do pensamento social censuram a ideia de indivíduo isolado presente na concepção do *homo economicus*.

A crítica marxiana à economia política é resultado de seu materialismo histórico e dialético. A respeito de sua concepção Marx e Engels (2009, p. 23-24) afirmam que "as premissas com que começamos não são arbitrarias, não são dogmas, são premissas reais, e delas só na imaginação se pode abstrair", com isso os autores já se distanciam dos pressupostos positivos da economia, pois o ênfase aqui "são os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram quanto as que produziram pela sua própria ação. Essas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico".

Os autores apresentam um mundo social composto por indivíduos determinados historicamente como sendo a premissa fundamental do materialismo histórico. O que em grande medida nos remete a Bourdieu ao divergir da ortodoxia econômica quanto ao indivíduo liberto de pressões estruturais. Diz Marx:

O homem é, o sentido mais literal, um *zoon politikon*, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se me sociedade. A produção do indivíduo isolado fora da sociedade – uma raridade, que pode muito bem acontecer a um homem civilizado transportado por acaso pra um lugar selvagem, mas levando consigo já, dinamicamente, as forças da sociedade – é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam *juntos* e falem ente si. É inútil deter-se mais tempo sobre isso. Nem sequer seria necessário tocar nesse ponto se essa banalidade que teve sentido e razão entre os homens do século XVIII não fosse seriamente reintroduzida na mais moderna Economia por Bastiat, Carey, Proudhon etc. (MARX, 1982, p. 26).

Contra as robisonadas⁵ da economia política clássica e contra a ideia de indivíduo representativo na economia neoclássica, tanto Marx como Bourdieu oferecem caminhos analíticos para a desnaturalização deste ideário tão em voga na contemporaneidade. Neste artigo irei apresentar algumas contribuições metodológicas desses autores a crítica a ciência econômica, com maior destaque, para dois de seus pressupostos, o indivíduo isolado e a a-historicização de suas categorias.

Considerações sobre o método marxiano

Na sua crítica à economia política burguesa, fundamentalmente à dos fisiocratas até Ricardo, apesar de ter estendido a sua corrosiva crítica aos economistas vulgares – estes constituem para Marx apenas um engodo, um movediço terreno de imprecisões, caricatura ou deformação de seus antecessores –, o autor confere ao leitor uma nova forma de apreciar os fenômenos sociais, radicalmente distinta daqueles.

Superando um forte idealismo, ou evolucionismo, contido na epistemologia clássica da economia política, Marx põe o homem social como centro de suas reflexões e, mais do que isso, um homem sócio-histórico, imerso num conjunto de relações sociais específicas, determinadas e históricas, caminhando em via oposta à do homem "ideal" e conceitual, isolado, do qual é extraído a sua essência egoísta e seu inexorável impulso capitalístico. Essa última imagem de homem é ricamente elaborada por Smith em sua *Riqueza das Nações*. Em Smith como em Ricardo, afirma (RODOLSKY, 2001, p. 469) havia a "falta de compreensão teórica necessária para distinguir as diferentes formas de relações econômicas".

Marx, ao referir-se aos objetivos de sua investigação, inicia a *Introdução à Crítica da Economia Política* nestes termos: "O objeto deste estudo é, em primeiro lugar, a *produção material*. Indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção dos indivíduos determinada socialmente, é por certo o ponto de partida⁶" (MARX, 1982, p. 3). É, pois, a própria sociedade mercantil desenvolvida, o ponto de partida e o ponto de chegada da investigação. Neste ponto, Rubin (1980, p. 13) nos presta esclarecimentos importantes: "Existe uma estreita relação conceitual entre a teoria econômica de Marx e sua teoria sociológica, a teoria do materialismo histórico". Como segue,

A teoria do materialismo histórico de Marx, e sua teoria econômica, giram em torno de um mesmo problema básico: a relação entre as forças produtivas e as relações de produção. O objeto de ambas as ciências é o mesmo: as modificações das relações de produção, que dependem do desenvolvimento das forças produtivas. O

⁵ A habilidade fantástica de Crusoé representa o triunfo do individualismo, da capacidade humana de dominar a natureza. Um indivíduo completamente dominado pela busca racional dos interesses materiais. Foi essa imagem da capacidade individual que o economista Adam Smith (1723-1790) reafirmou.

⁶ Marx (1982, p. 3): "o caçador e o pescador, individuais e isolados, de que partem Smith e Ricardo, pertencem às pobres ficções das robinsonadas do século XVIII. Estas não expressam, de modo algum — como se afigura aos historiadores da Civilização —, uma simples reação contra os excessos de requinte e um retorno mal compreendido a uma vida natural. Do mesmo modo, o *contrat social* de Rousseau, que relaciona e liga sujeitos independentes por natureza, por meio de um contrato, tampouco repousa sobre tal naturalismo. Essa é a aparência puramente estética, das pequenas e grandes robinsonadas. Trata-se, ao contrário, de uma antecipação da 'sociedade' (*bürgerlichen Gesellschaft*), que se preparava desde o século XVI, e no século XVIII deu larguíssimos passos em direção à sua maturidade".

ajustamento das relações de produção às modificações das forças produtivas – processo que reveste a forma de contradições crescentes entre as relações de produção e as forças produtivas, e dos cataclismas sociais provocados por essas contradições, são o tema básico da teoria do materialismo histórico. Aplicando esta abordagem metodológica à sociedade mercantil-capitalista, temos a teoria econômica de Marx (RUBIN, 1980, p. 14-15).

Da citação acima depreendem-se dois aspectos fundamentais, não apenas da crítica marxiana à economia política, como, e principalmente, do pensamento mais amplo de Marx. A primeira diz respeito ao lugar das abstrações⁷ no método marxiano, e a segunda à dialética entre forma e conteúdo – aparência (forma fenomênica) e essência –, a qual, aforisticamente, se expressa na célebre frase "(...) toda ciência seria supérflua, se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente", assinalando a importância da dialética marxiana em sua economia política.

A teoria do valor é onde culminam as diferenças metodológicas entre as abordagens da economia política clássica e a crítica marxiana. De um lado uma tentativa de legitimação da ordem social capitalista e de outro a denúncia histórica de seus pressupostos fundamentais. Para os primeiros a consagração do indivíduo privado, egoísta, competitivo e utilitário, um modelo de *persona* humana sobre a qual funda-se a sociedade, para Marx o reencontro do homem com seu ser genérico, a celebração do homem coletivo, social e histórico. Ainda insistindo nos contrastes, os clássicos da economia constroem o homem conceitual e idealizado e o autor de *O Capital* um homem real, concreto e objetivo.

Os clássicos adotam uma postura metodológica positivista com o explícito objetivo de ratificar a forma social capitalista, neste sentido, observa Rodolsky (2001, p. 469), que entre os defeitos da teoria do valor de Ricardo há falta de poder de abstração, ou seja, uma "[...] incapacidade de os economistas clássicos enxergarem a substância do valor por trás da forma em que este se apresenta, de enxergarem o aspecto qualitativo do valor por trás do seu aspecto quantitativo".

Em suma, a ciência econômica clássica cegou-se diante do fundamental, a saber, a forma especificamente social do trabalho que cria valor, sendo conduzida, invariavelmente, a considerar o trabalho abstrato apenas como trabalho em geral. A economia política clássica voltou sua atenção, exclusivamente, para o aspecto quantitativo do valor. Este limite é reflexo do caráter positivo do método adotado. Trabalho em geral não distingue o capitalismo de qualquer outra formação sócio-histórica, de nenhuma outra estrutura produtiva; dispêndio de energia fisiológica não caracteriza o trabalho que representa o valor. O objetivo último, não apenas de Ricardo, bem como de seus pares, é a justificação histórica do modo de produção burguês. Nesse sentido, Ricardo não pode entender a forma especificamente capitalista e sua relação com o conteúdo concreto dos trabalhos. Se Ricardo admite o valor como uma forma peculiar pela qual são revestidos os trabalhos humanos, necessariamente deveria aceitar o caráter contraditório e transitório deste sistema.

⁷ "Na análise das formas econômicas, não podem servir nem o microscópio, nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir a ambos". (MARX, 1988, p. 18).

Perdido na busca de uma medida relativa para os valores de troca, Ricardo não pode ultrapassar a superfície do modo de produção capitalista e identificar que o valor de troca não é o próprio valor, e sim sua forma de manifestação, como deixa claro Marx (1988), no livro I de *O Capital*. Observa Belluzzo (1998, p. 94-95) "De fato, toda a indagação clássica persegue o valor com uma 'essência do fenômeno contingente da troca. A 'ordem natural' dos fisiocratas reaparece na análise de Smith e Ricardo metamorfoseada em 'valor' enquanto essência da naturalidade da sociedade".

Ao contrário de Marx, a forma surge aos economistas clássicos como um dado concreto. Se o trabalho em geral é, na perspectiva clássica, valor, deduz-se daí o caráter supra-histórico da forma valor; dito de outra forma, do capitalismo. Em Marx (1988), inversamente, a forma acabada com que as relações econômicas eclodem na superfície, em sua existência real e concreta, bem como as ideias através das quais os agentes dessas relações tomam consciência delas, é o oposto de como esta realidade efetivamente é, e mais do que isso, configura uma natureza antitética, contraditória em relação a ela. Conforme Kosik (1976, p. 21),

A dialética não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, todo o conjunto do mundo material reificado, como algo originário e independente. Do mesmo modo como assim não considera o mundo das representações e do pensamento comum, não os aceita sob o seu aspecto imediato: submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade, para se mostrarem como fenômenos derivados e mediatos, com sedimentos e produtos da práxis social da humanidade.

A questão fulcral para a teoria econômica marxiana é que, sob determinadas circunstâncias históricas, os produtos do trabalho humano são revestidos da forma-valor. Tal fato não advém de nenhuma "lei natural", como propugnam os clássicos, mas encontra sua gênese na história.

O caráter eternizante e ideologizante impresso na economia política clássica ultrapassa o tempo e perpetua-se nas teorias contemporâneas. O método empregado por Marx, como observa Kosik, desmistifica a *pseudoconcreticidade* na qual se movem essas teorias.

Ao tratar rapidamente da teoria do valor, o que considero o núcleo duro do pensamento econômico liberal clássico, quero aferrar-me em um ponto apenas: a supremacia do *homo economicus*, esse ser abstrato e desenraizado social e historicamente, pois ele fundamenta a visão de mundo dos economistas tanto lá como cá na contemporaneidade, e alicerça os edifícios da teoria econômica. O que a teoria econômica pretende não é apenas nos oferecer um quadro referencial para a análise da sociedade, mas e, isso é mais significativo, é afirmar um tipo de homem e um tipo de sociabilidade baseados na competitividade e na racionalidade monetária.

Crítica ao método da economia política

"A compreensão do conceito marxiano do capital é condição necessária a qualquer discussão da teoria de Marx" (ROSDOLSKY, 2001 p. 458). A tarefa fundamental para Marx é desvendar a gênese histórica do capital e seu desenvolvimento histórico.

Estaríamos habilitados a conjecturar sobre uma sociedade de tipo comunista apenas depois de termos acesso à natureza desta ordem social, à sua estrutura interna, ao desenvolvimento e à relação entre suas principais categorias constituintes. Essas categorias, ou partes, devem ser abstraídas e, em seguida, rearticuladas e interligadas, no sentido de reconstruir-se a totalidade, a unidade, por meio do pensamento. "Trata-se da sua hierarquia no interior da moderna sociedade burguesa" (MARX, 1982, p. 19).

No entanto, poderia parecer que o correto seria, pois, iniciarmos a investigação a partir de formações econômicas anteriores e acompanharmos o desenrolar das categorias econômicas que em sua evolução conduziram a humanidade ao capitalismo. Essa abordagem, criticada por Marx, deságua inelutavelmente num resultado a-histórico. A abstração ricardiana, por exemplo, é insuficiente, não sendo levada à última instância, ou seja, há insuficiência na abstração. O que a economia política clássica pretende é encontrar as relações de capital em todas as épocas anteriores, realçando aspectos gerais, pertencentes a todas as formações sociais, justificando a naturalidade da moderna economia burguesa. "As determinações que valem para a produção em geral devem ser precisamente separadas, a fim de que não se esqueça a diferença essencial por causa da unidade, a qual decorre já do fato de que o sujeito – a humanidade – e o objeto – a natureza – são os mesmos" (MARX, 1982, p. 4-5). Depreende-se daí que o ponto de partida e o ponto de chegada é sempre a sociedade capitalista, para Marx. Vejamos a coisa de perto.

Na [Introdução] à crítica..., Marx apresenta o que define como "método cientificamente exato" em oposição ao método da economia clássica. Para esta, a investigação começa pelo concreto, ou concreto real⁸.

Quando estudamos um dado país do ponto de vista de Economia Política, começamos por sua população, sua divisão em classes, sua repartição entre cidades e campo, na orla marítima; [...] Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; [...] No entanto, graças a uma observação mais atenta, tomamos conhecimento de que isso é falso (MARX, 1982., p. 14).

Marx continua:

A população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, essas classes são uma palavra vazia de sentido se ignorarmos os elementos em que repousa, por exemplo: o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc. O capital,

⁸ O conceito de concreto, na exposição de Marx, aparece de um modo que requer maior detalhamento. Para isto deve-se partir de duas distinções essenciais. A primeira consiste na distinção entre o concreto entendido como ponto de partida do processo de conhecimento, que poderíamos denominar concreto real, e depois como seu resultado, o concreto pensado. Somente no segundo sentido é que se aplica apropriadamente o conceito de concreto, no sentido específico de que a realidade está compreendida ou interpretada pelo pensamento como totalidade orgânica. A segunda distinção decorre da concepção filosófica materialista de Marx e refere-se ao concreto como ponto de partida. Este deve ser entendido de dupla forma: por um lado, representando a realidade material, que é o pressuposto do pensamento e que existe antes dele e independentemente dele. Este é o sentido adequado da expressão concreto real, porque designa o mundo material realmente existente e constitui o ponto de partida real como objeto de todo pensamento. No entanto, o ponto de partida do processo de elaboração do conhecimento, indicado por Marx, é o concreto como representação mental, isto é, como expressão da percepção imediata da realidade através dos sentidos (GERMER, 2009).

por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, os preços etc., não é nada (MARX, 1982., p. 14)

Concreto real é o processo de elaboração do conhecimento, uma representação mental, uma categoria do pensamento, a maneira pela qual acessamos o real, entendido como totalidade orgânica, como um complexo de elementos entrelaçados. Deve-se, pois, reconstituí-lo em sua unidade. Nesse sentido, Marx considera o método que se fixa no concreto como o método incorreto⁹. Continuemos com Marx:

Assim, se começássemos pela população, teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples, do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a esse ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas (MARX, 1982., p. 14).

A viagem de volta é, para Marx, o caminho científico correto. No primeiro método, "a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas¹⁰; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento" (MARX, 1982, p. 14). O concreto, assim, seria o resultado da apropriação da realidade, e não o ponto de partida. No segundo método, o concreto surgiria como concreto pensando – "síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso" (MARX, 1982., p. 14) –, rearticulando e interligando suas categorias, possibilitando a assimilação de seu movimento, sua dinâmica.

Este será o método que guiará Marx em sua empresa. Como aponta Meszáros (2002), esta metodologia permite a definição das principais categorias que compõem a sociedade burguesa moderna e do capital como força onipotente da sociedade, além de dar inteligibilidade aos fatores que o conduzem à desintegração. Como *a "sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada de produção"* (MARX, 1982, p. 17), deve constituir-se como ponto de partida e ponto de chegada¹¹.

⁹ "Se a realidade é imaginada apenas como realidade natural ou realidade prático-sensível, o empirismo ou o método das ciências naturais pode ser o mais adequado para conhecê-la; se a realidade é pressuposta apenas como um conjunto de fatos, de indivíduos ou de coisas isoladas, a simples análise e abstração pode ser o método suficiente. Mas se a realidade, como no caso da Economia Política, é concebida e pressuposta como um todo complexo, o método dialético se afigura ser o mais adequado" (CORAZZA, 1996, p. 35-50).

¹⁰ "Os termos abstrato e concreto, integrantes da terminologia própria da filosofia clássica alemã até Hegel, possuem significados diferentes em Hegel e em Marx, que é necessário esclarecer. Em uma primeira aproximação o abstrato designa um conceito, produto do chamado método da abstração, que consiste em extrair ou remover da realidade perceptível — como representação mental — uma parte ou aspecto específico. Este é o sentido em que Marx utiliza o termo. O abstrato é, portanto, um produto do pensamento, e consiste na representação mental de um elemento da realidade empírica, tal como esta reflete-se de modo direto no pensamento. Neste sentido o abstrato constitui uma fase elementar do conhecimento, mas não é o próprio conhecimento, pois este não se reduz à representação de um ou diversos aspectos isolados da realidade. O conhecimento consiste no concreto, isto é, na apreensão de um objeto de estudo como um conjunto de elementos interrelacionados dinamicamente (isto é, em movimento contínuo de transformação) de um modo definido, ou seja, consiste na interconexão e na lei de movimento do objeto." (GERMER, 2009).

¹¹ Cabe aqui uma observação importante: "Naturalmente, a adoção desse curso de análise não significa que, na visão de Marx, os antecedentes históricos do sistema do capital não importem, ou que o capital, de algum modo, apareceu repentinamente com a formação capitalista, saltando das nuvens de mistério, tal como Pálas Atena da cabeça de Zeus. Ao contrário, como Marx demonstra em vários contextos, todos os aspectos da forma plenamente desenvolvida do capital – incluindo a mercantilização da força de trabalho, que é o passo mais

Isto é significativo no método de Marx, pois, se recuarmos no tempo, localizaremos a existência de muitas das categorias que são centrais na sociedade capitalista. Contudo, a existência anterior dessas categorias não significa a presença das relações de capital como força motriz da sociabilidade em toda a história, "a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco" (MARX, 1982, p. 17).

Algumas categorias presentes em etapas do desenvolvimento social no passado encontram, noutro canto, o lugar de seu pleno desenvolvimento num novo conjunto de relações. Onde antes se situavam apenas de maneira secundária, agora passam a ser determinantes, e o inverso também é verdadeiro. Categorias outrora potencialmente desenvolvidas ocupam lugar secundário em outro complexo de relações: "o que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido senão quando se conhece a forma superior"¹² (Ibid., p. 17-18).

Desta forma, nos diz Marx, como o capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo, deve constituir o ponto inicial e final a ser desenvolvido. Portanto, é a forma peculiar com que as categorias se entrelaçam, no íntimo da sociedade burguesa, que deve ser analisada, não a ordem pela qual elas surgem e sucedem historicamente.

Nesse sentido, como demonstra Belluzzo (1998), o método permite que as categorias capitalistas apareçam como formas historicamente modificadas de sociedades econômicas anteriores. O percurso da análise não é apenas lógico, senão eminentemente genético. Esta forma de proceder dissecar a realidade a ser estudada — o capital —, evanescendo as mistificações impostas pela aparência, bem como a metodologia clássica.

O que quero demonstrar é que tanto a sociedade capitalista não é produto de uma evolução natural inelutável como o homem calculista não é uma inexorabilidade natural, a positividade do método econômico sobre seu verniz de ciência oculta deliberadamente o seu forte conteúdo ideológico, o método de Marx não apenas desfaz sociologicamente essa mistificação como oferece uma antropologia que põe a nu o homem calculador e privado.

Marx assume os conceitos da economia clássica esvaziando-os de seus recalitrantes conteúdos e enxertando um outro mais dinâmico e condizente com a história dos homens, que produzindo o mundo produzem-se a si mesmos social e coletivamente. Ao encarar a teoria do valor dos clássicos Marx avança de onde eles não poderiam seguir, isto fica claro nas suas noções de capital, valor e trabalho abstrato.

O caráter universalizante e a-histórico presentes na metodologia da economia política clássica é para onde Marx aponta seu canhão teórico, e é também para esse aspecto metodológico da economia neoclássica que Bourdieu dispara sua crítica.

importante para alcançar a forma desenvolvida, capitalista — apareceram em algum grau na história muito tempo antes da fase capitalista, em alguns casos, até milênios antes. Concentrar-se na forma plenamente desenvolvida é necessário para demonstrar a dissolução do sistema e como parte da crítica marxiana da crítica da economia política" (MESZÁROS, 2002, p. 703).

¹² "Se é certo, portanto, que as categorias da Economia burguesa possuem [o caráter de] verdade para todas as demais formas de sociedade, não se deve tomar isso senão cum grano salis. Podem ser desenvolvidas, atrofiadas, caricaturadas, mas sempre essencialmente distintas" (MARX, 1982, p.17-18).

Argélia: o etnólogo desperta para a crítica à economia

Para GARCIA-PARPET (2006, p. 334) "[...] o interesse de P. Bourdieu pelas questões econômicas fica patente desde os seus primeiros trabalhos sobre o processo de adaptação ao capitalismo das populações autóctones na Argélia, nas quais se encontram as formas mais elaboradas de uma sociologia econômica". O etnólogo se deparou, empiricamente, com a violência material e simbólica impostas pelas modernas relações econômicas sobre uma estrutura social pré-capitalista.

Por ocasião do serviço militar Bourdieu viveu na Argélia entre 1955 e 1960 onde também trabalhou como assistente de filosofia da faculdade de Alger, neste período o país atravessava uma guerra que impactou de maneira ampla e profunda o conjunto da sociedade argelina. Ali Bourdieu pôde presenciar um processo de " ... desraizamento das sociedades tradicionais e da confrontação dos indivíduos com a lógica da economia de mercado" (GARCIA-PARPET, 2006, p. 335).

Em sua pesquisa etnográfica Bourdieu observa, de um lado, um conjunto de práticas sociais tradicionais ainda vivas, e a chegada ostensiva de estruturas modernas ligadas a lógica do mercado, de outro. A realidade empírica vista através da pesquisa mostrava ao autor que a ação economicamente interessada não apenas não está presente, como a concebemos, no seio daquelas relações sociais, como também era resistente a ela.

Uma característica distintiva das práticas econômicas encontradas, era o fato do campo econômico, ainda não ter se autonomizado frente as relações sociais e culturais, especialmente as familiares. Naquela organização social prevalecia uma certa economia de boa-fé, relações de dom e contra-dom e uma lógica mítico-ritual, que submetia as práticas econômicas. Um número expressivo de situações trazidas do campo de pesquisa ilustram a imersão das práticas econômicas nesse universo cultural. Práticas repletas de significação simbólica como o *el fel*, e tantas outras vão reforçando a ausência da racionalidade econômica como vetor das condutas sociais naquela sociedade.

A maximização material do lucro não é um valor socialmente reconhecido, e as potencialidades estritamente econômicas empalidecem-se frente aos valores de reciprocidade e equidade que ali prevalecem. No entanto, quanto maior a distância entre os indivíduos, menor é este sentimento de pertencimento e o terreno é mais fértil para a busca econômica interessada, conforme Bourdieu

As relações reduzidas à sua dimensão puramente 'econômica' são concebidas com relações de guerra, que só entre estranhos podem ser accionadas. O lugar por excelência da guerra econômica é o mercado, menos o mercado da aldeia ou da tribo, onde se encontram ainda familiares, do que os grandes mercados das pequenas cidades afastadas ..." (2004, p. 12).

Essas práticas começam a encarar as transformações impressas naquela sociedade pela chegada da moderna economia capitalista, como a inovação técnica e a especialização profissional ligadas ao crescimento do comércio. Um caso representativo é o do moleiro que com o incremento tecnológico converte-se agora em comerciante e passa a introduzir a lógica do cálculo e do investimento. Atividades artesanais que

antes ocupavam um lugar marginal e estigmatizado passam a ocupar lugar central diante do declínio da atividade camponesa.

As atividades de classificação e reagrupamento levadas a cabo pelas forças militares introduzem a figura social do *métier*, e desconstrói a importância social do camponês. O conjunto dessas iniciativas vão criando as condições para o campo econômico se diferenciar e se autonomizar frente as velhas relações sociais até então existentes, baseadas em um jogo de solidariedade coletiva.

Bourdieu observa assim "desmoronamento do mundo antigo" e as exigências adaptativas (conversão) impostas pela economia econômica nas sociedades tradicionais da Argélia.

Este cenário permite a Bourdieu analisar o processo de aquisição coletiva de um habitus econômico entre a população de Argelinos durante a guerra, frente ao um conjunto de transformações de caráter urbano e moderno que se instalava naquele território e, que impunha novas estruturas sociais que reivindicavam novos requisitos e habilidades para a integração social. Em outras palavras, Bourdieu investiga o processo de conversão de uma sociedade fundada em laços tradicionais de solidariedade baseados na lógica do dom e contra-dom para o modelo de economia racional. Bourdieu pesquisa assim, empiricamente, quais as possibilidades e impossibilidades desses agentes se inserirem em uma economia de mercado com todas as suas consequências, das mais ínfimas as mais explícitas e abrangentes, diante da destruição das bases de sua organização social.

Agentes colocados em uma situação de perda de referenciais e rapidamente exigidos por um conjunto novo de demandas, muitas delas, como a razão calculadora, incongruentes com o conjunto de suas práticas culturais. BOURDIEU (2004, p. 11) " ... podia observar *de visu* a perturbação ou a angústia de agentes econômicos desprovidos das disposições tácitas exigidas por uma ordem econômica para nós inteiramente familiar".

O autor vai propor uma teoria do agente econômico que seja capaz de reconstruir a processualidade histórica da produção e incorporação de determinadas disposições e práticas econômicas como "... a lógica da economia monetária e do cálculo econômico dito racional" (Id. Ibid. 16), bem como, chama atenção para a necessidade de se operar uma gênese social e histórica do próprio campo econômico. Aqui já sinaliza para uma das críticas que direciona a ortodoxia econômica: a de que o agente econômico racional assim como o próprio campo econômico são produtos de condições históricas particulares, são construções sociais.

Na Argélia estudada por Bourdieu as práticas econômicas eram subsumidas pelo conjunto das relações sociais. Ele nos chama atenção " ... para a imersão das coisas econômicas no universo das crenças e dos valores últimos" (Id. Ibid. 21). " .. um mundo em que a família, e as trocas que nela têm de ter lugar, forneciam o modelo de todas as trocas, incluindo as que consideramos 'econômicas'", portanto, "aderir a visão utilitarista é romper com toda uma arte de viver e, ao mesmo tempo, com todos aqueles que a partilham e que se sentem diretamente visados por aquilo que tomam como uma renegação" (Id. Ibid. p. 20). Desta forma, a incorporação do espírito do cálculo supõe uma ampla reestruturação na forma de perceber o mundo, outro e de se auto-perceber.

A transição de uma sociedade onde os aspectos culturais açambarcavam o conjunto das práticas sociais para uma " ... em que a economia, doravante constituída como tal, com os seus princípios próprios (de cálculo, de lucro etc.) pretende torna-se o princípio de todas as práticas" (BOURDIEU, 2004, p. 19), implica um choque que impacta diretamente nas estratégias de reprodução de uma determinada matriz social, condenando a desmoralização ou ao desaparecimento determinados grupos.

Em seu texto a *Formação do Habitus Econômico*, ele busca identificar as "condições econômicas de acesso as práticas econômicas", neste sentido, a sociedade Argelina oferece um palco privilegiado onde colidem práticas sociais ligadas a formação pré-capitalista e o aparecimento de uma economia econômica pretensamente hegemônica e universal. Segundo Bourdieu "conduzir em um meio rural o estudo das transformações das práticas econômicas permite ver melhor, e mais completamente, o que elas põe em jogo, isto é, todo um estilo de vida ou, melhor, todo um sistema de crenças" (Id. Ibid. 16).

Crítica ao *homo economicus*

Bourdieu pretende, como ele mesmo diz, "colocar à prova os pressupostos teóricos, antropológicos, principalmente, sobre os quais repousa a ortodoxia econômica" (BOURDIEU, 2005, p. 15). Lembra a ciência econômica o que parece ter sido esquecido por ela, a saber, a história¹³. A teoria econômica neoclássica, a teoria dos jogos, teoria da ação racional, se ergue sobre uma antropologia abstrata que subtrai do agente econômico a história das condições mesmas de produção do campo econômico e do agente econômico. Segundo Bourdieu,

"[...] tudo que a ciência econômica toma como um dado, isto é, o conjunto das disposições do agente econômico que criam a ilusão da universalidade a-histórica das categorias e dos conceitos utilizados por esta ciência, é na verdade o produto de uma longa história coletiva, e tem de ser adquirido no decurso da história individual, em e por um trabalho de conversão que não pode ser bem sucedido senão em determinadas condições" (BOURDIEU, 2005, p. 19).

A ação econômica interessada não é um elemento ou característica humana universal, muito menos, natural. Ao tomar como um dado imediato da realidade este tipo de comportamento, a ciência econômica eterniza apologeticamente aquilo que só pode ser apreendido sob determinadas condições históricas.

¹³ "Ao dar uma forma explícita e sistemática à filosofia do agente e da ação que a ortodoxia econômica aceita geralmente de maneira tácita (notadamente, porque, com noções como as de preferência ou de escolha racional, ela não faz nada mais do que racionalizar representações do senso comum), os partidários da teoria da ação racional (incluindo alguns economistas, como Gary Becker) e do individualismo metodológico (como James Coleman, Jon Elster e seus epígonos franceses) fizeram aparecer, na sua completa clareza, os absurdos de uma visão tipicamente escolástica da condição humana: seu ultrarracionalismo estreitamente intelectualista (ou intelectocêntrico) contradiz diretamente, por seu próprio excesso e sua indiferença à experiência, as conquistas mais seguras das ciências históricas das práticas humanas. Se pareceu necessário mostrar que várias conquistas da Ciência Econômica, espécie de colosso com pés de argila, são perfeitamente compatíveis com uma filosofia do agente, da ação, do tempo e do mundo social completamente diferente daquela que produzem ou aceitam habitualmente a maior parte dos economistas, não foi para respeitar um tipo de pacto de honra filosófico, mas, somente, para tentar reunificar as Ciências Sociais, trabalhando para trazer de volta a Economia à sua verdade de ciência histórica" (BOURDIEU, 2005, p. 57).

"Na ausência de uma interrogação, que no entanto é tipicamente econômica, sobre tais condições, a ciência econômica trata como um dado natural, como um dom universal da natureza, a disposição prospectiva e calculadora com respeito ao mundo e ao tempo, que se sabe ser produto de uma história coletiva e individual muito particular" (BOURDIEU, 2005, p. 22).

A ciência econômica abdica do trabalho analítico de reconstruir a gênese das disposições econômicas do agente econômico, bem como do próprio campo econômico, da mesma maneira, que Marx critica os clássicos, tanto uns como outros, não fazem o caminho de volta e tomam a realidade prático-sensível como um dado.

Bourdieu sublinha como a ciência econômica se esquivava da crítica histórica de suas categorias e de seus conceitos, entrincheirando-se no plano da formalização. Essa postura das teorias econômicas as impede de perceber o processo de construção social da economia econômica.

A história das origens, na qual as disposições capitalistas inventam, ao mesmo tempo em que se institui o campo no qual elas se efetuem, e, sobretudo, a observação das situações (muitas vezes coloniais) nas quais agentes dotados de disposições ajustadas a uma ordem pré-capitalista são brutalmente arremessados num mundo capitalista permitem afirmar que as disposições econômicas exigidas pelo campo econômico, tal como nós o conhecemos, não têm nada de natural e de universal, mas são produto de toda uma história coletiva, que deve ser sempre reproduzida nas histórias individuais (BOURDIEU, 2005, p.19).

O campo econômico é resultado de um progressivo processo de diferenciação e autonomização que historicamente o foi desvinculando de outros âmbitos da existência, essa processualidade histórica está no cerne de sua efetivação. A inexistência dessa reflexão conduz a teoria econômica a "[...] fazer da ordem econômica do mercado o fim exclusivo, o *telos*, de todo o processo de desenvolvimento histórico" (BOURDIEU, 2005, p. 19). Bourdieu observa que, "as disposições econômicas mais fundamentais, como necessidades, preferências e propensões – ao trabalho, à poupança, ao investimento, etc. – não são exógenas, isto é, dependentes de uma natureza humana universal, mas endógenas e dependentes de uma história" (BOURDIEU, 2005 p. 23).

A questão que norteia este trabalho de Bourdieu, é a reconstrução das "condições econômicas e sociais que são condições econômicas e sociais de possibilidade e de impossibilidade de acesso ao "raciocínio econômico esclarecido", dito de outra forma, sob que circunstâncias culturais e históricas o agente incorpora esse repertório. Vale reiterar que o campo de pesquisa de Bourdieu é a Argélia pré-capitalista, alicerçada em relações sociais de honra e reciprocidade, fortemente resistentes a conduta econômica moderna. O que nos leva a pergunta: quais condições permitem a esses agentes adquirir as disposições exigidas pela moderna economia capitalista? O objetivo de Bourdieu é, portanto, investigar os processos de aquisição destas disposições.

A ideia central de Bourdieu é que a racionalidade econômica só pode ser acessada diante de determinadas condições sociais, neste sentido, é fundamental investigar a "[...] *gênese individual e coletiva* da conduta econômica socialmente reconhecida como racional em certas regiões de certas sociedades de uma época determinada e, portanto, de tudo o que designam as noções, aparentemente incondicionadas [...]" (BOURDIEU, 2005, p. 53), que a teoria econômica coloca como seu fundamento: necessidades, cálculo ou preferências.

Bourdieu retoma uma passagem de Durkheim que ilustra essa posição epistêmica da teoria econômica:

A economia política... é uma ciência abstrata e dedutiva, que está menos ocupada em observar a realidade do que em construir um ideal mais ou menos desejável: porque o homem de quem falam os economistas, este egoísta sistemático, é apenas um homem de razão artificial. O homem que nós conhecemos, o homem real, é muito mais complexo: ele pertence a uma época e a um país, ele vive em algum lugar, ele tem uma família, um país, uma crença religiosa e ideias políticas. (DURKHEIM, 1970 [1888], p. 85 *apud* BOURDIEU, 2005, p. 51).

A ciência econômica orbita em torno da ideia de indivíduo isolado e de um mercado abstrato, que inviabiliza a percepção do agente calculador como produto de uma construção social, como fruto de uma produção histórica coletiva inscrita nas histórias individuais.

Conclusão

"A ciência a que se chama 'economia' repousa sobre uma abstração originária, que consiste em dissociar uma categoria específica de práticas, ou uma dimensão particular de toda a prática, da ordem social na qual toda a prática humana se encontra submersa" (BOURDIEU, 2006, p. 13). Esta citação de Bourdieu sintetiza com precisão o que eu pretendi neste artigo.

As robinsonadas do século XVIII mencionadas por Marx reaparecem modernamente na filosofia individualista da microeconomia acidamente criticada por Bourdieu. Com objetivos distintos Marx e Bourdieu convergem nesta direção. A forma a-histórica e universalizante do *homo economicus*, este ser calculador e egoísta está na base das construções econômicas, ontem e hoje.

A tradição que vem de Comte até Bourdieu procura restabelecer a verdade histórica da ciência econômica propondo uma sociologia econômica em seu lugar. Marx, inversamente, não busca substituir a economia por outro campo do conhecimento, no entanto, ambos compartilham de uma crítica histórica aos pressupostos pretensamente científicos da economia. Como bem observa Souza (2012, p. 169) "o tempo histórico está no centro da construção do agente econômico". Desta maneira, a postura antigenética da ciência econômica tanto clássica como neoclássica, parece converter-se num discurso ideológico encoberto pelo formalismo científico.

Acredito, seguindo o exemplo de seus clássicos e grandes expoentes que as ciências sociais, em particular, a sociologia, deve reintegrar a história e a economia, em suas construções teóricas e metodológicas, sob pena de perder muito de sua capacidade penetrante.

Contra as abstrações objetivistas da retórica econômica e suas modernas robinsonadas é fundamental resgatar a crítica científica que tão bem caracterizou os clássicos da sociologia, especialmente, em tempos de torpor social que parece ser uma marca em nossos tempos.

Ao apresentar Marx e Bourdieu não tive a pretensão de identificá-los¹⁴, o que pretendi, isto sim, foi chamar a atenção para um debate, que a partir desses autores, temos que empreender, especialmente em tempos de neoliberalismo e aprofundamento das distâncias sociais. Em um momento da humanidade onde parece não haver alternativas e o discurso único parece não encontrar obstáculos a sua hegemonia. Um período da história onde a predatória razão econômica monopoliza o discurso político e remodela ao seu sabor as estruturas e políticas de Estado, o individualismo e a competição radicalizam-se e o terror econômico escraviza povos inteiros. Acredito que ambos os autores apontam caminhos teóricos e metodológicos que podem alavancar esta imperiosa crítica.

Na contemporaneidade o discurso econômico invade sem pedir permissão todas as instâncias da vida social e seus representantes são os porta vozes dos ritmos e rumos de nossas vidas. A crítica à economia política marxiana e a sociologia econômica de Bourdieu, oferece um arsenal que nos auxilia na desmitificação dessa narrativa. Este foi o objetivo deste artigo.

Referências

BELLUZZO, L. G. M. **Valor e capitalismo**: um ensaio sobre a economia política. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1998.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa, Papirus, São Paulo: 1996.

_____. Pierre. (2005), "**O campo econômico**". *Política & Sociedade*, 6: 15-58 (tradução de "Le champ économique". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 119: 48-66, 2005).

_____. A formação do Habitus Econômico. Texto traduzido de Bourdieu, P. Making the economic habitus: Algerians workers revisited. In **Ethnography**, v. 11, nº 1. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/266.pdf>, 2004.

_____. **As estruturas sociais da economia**. Tradução de Lígia Calapez e Pedro Simões. Campo das Letras, 2006.

BURAWOY, M.O **marxismo encontra Bourdieu**, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

CORAZZA, G. **O todo e as partes: uma introdução ao método da econômica política**. Revista Estudos Econômicos. São Paulo: USP, v. 26, n. especial, 1996, p. 35-50.

GERMER, C. M. **Contribuição ao entendimento do método da economia política, segundo Marx**. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/cobrefil/textos/EP.metodo.economia.politica.doc. Acesso em: 12 ago. 2010.

¹⁴ Uma possível influência de Marx sobre Bourdieu é habilidosamente tratada por Burawoy (2010).

GARCIA-PARPET, M.A. **A Gênese social do Homo-Economicus**: A Argélia e a Sociologia Econômica de Pierre Bourdieu. *Mana*, v. 12, nº 2, 2006, p. 333-357. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n2/a04v12n2.pdf>.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MELO, S.R.G. **Lei do valor enquanto lei geral de valorização do capital**: para uma crítica a teoria do trabalho imaterial. Dissertação de Mestrado (Instituto de Ciências Sociais/UFAL), f.137, Alagoas, 2011.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MARX, K. **[Introdução] à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O capital**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1 [Coleção Os Economistas].

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de o capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 2001.

RUBIN, I. I. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

TEIXEIRA, F. J. **Trabalho e valor**: contribuição para a crítica da razão econômica. São Paulo: Cortez, 2004.

STEINER, P. **A tradição francesa de crítica sociológica à Economia Política**. *Revista Política & Sociedade*, vol. 8, nº 15, 2009.

SOUZA, A.P. **Sociologia econômica e história no pensamento de Bourdieu**. *Perspectivas*, v. 41, p.169-192, 2012.

SWEDBERG, R. **Sociologia econômica**: hoje e amanhã. Tradução de Sergio Miceli. *Tempo Social*, v. 16, nº 2, 2004.